

Clássicos da Literatura Brasileira

Uma Véspera de Reis

Artur Azevedo

Ilustrações:
Eduardo Schloesser



*Clássicos da
Literatura Brasileira*

Clássicos da Literatura Brasileira

Uma Véspera de Reis

Artur Azevedo

Uma Véspera de Reis

Artur Azevedo

Ilustrações

Eduardo Schloesser

Editor

Lécio Cordeiro

Leitura, adaptação e revisão

Malthus de Queiroz

Direção de arte

Wilton Carvalho

Diagramação

Roseane R. Nascimento

Coordenação Editorial



Direitos reservados à

Editora Prazer de Ler Ltda.

Rua Neto Campelo Júnior, 37

CEP: 50760-330 - Mustardinha - Recife / PE

Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Impresso no Brasil

Q3v Queiroz, Malthus de, 1976-
Uma véspera de reis / Artur Azevedo ;
adaptação Malthus de Queiroz ; ilustrações Eduardo
Schloesser. – Recife : Prazer de Ler, 2013.
64p. : il. – (Clássicos da literatura brasileira).

1. TEATRO BRASILEIRO – PERNAMBUCO. I.
Azevedo, Artur, 1855-1908. II. Schloesser, Eduardo,
1962-. III. Título. IV. Série: Clássicos da literatura brasileira.

PeR – BPE 13-325

CDU 869.0(81)-2
CDD B869.2

ISBN: 978-85-8168-220-4

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram
modificações com o novo Acordo Ortográfico.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Uma Véspera de Reis

Comédia em um ato
Música de Francisco Libânio Colás¹

Personagens

Reis, pai de família

Bermudes, fazendeiro de Camamu

Alberto, estudante de medicina

José, moleque

Francisca, mulher de Reis

Emília, sua filha

Uma vizinha

Dois escravos, rancho dos Reis, povo, etc.

A cena se passa na capital da Bahia, em uma casa do Largo da Lapinha. Atualidade.

ATO ÚNICO

Na casa de Reis. Sala de visitas. Móveis velhos: mesa, cadeiras, piano de mesa. Castiçais com grandes mangas² de vidro. Imagens do Senhor do Bonfim. Palha benta³ em um dos cantos da sala. Ao fundo, uma porta que dá para o corredor; à direita, duas janelas; à esquerda, porta ligando o exterior ao interior da habitação. É dia.

¹ Músico e compositor natural de São Luís do Maranhão, nascido em 1830.

² Objetos de vidro, geralmente em forma de tubo, usado para proteger as chamas de um castiçal ou de um lustre.

³ Segundo a tradição, folha de palmeira levada à igreja no domingo de Ramos.

Cena I

José e Alberto

(José está na janela, conversando com Alberto, que se acha na parte de fora.)

JOSÉ – Então, o senhor acha que sou um castiçal de vela; não é assim, seu Doutor?

ALBERTO – Fecho já a tua boca... (lhe dando dinheiro) Toma lá dois mil réis⁴.

JOSÉ (examinando) – Aqui só tem dez tostões⁵... (guarda o dinheiro)

ALBERTO – Logo vou te dar os outros dez. Anda! Vê um momento em que ela esteja sozinha.

JOSÉ – Não se incomode! Mande aí um charutinho para o moleque...

ALBERTO – Eu fico à espera do assobio ali (aponta), encostado ao chafariz...

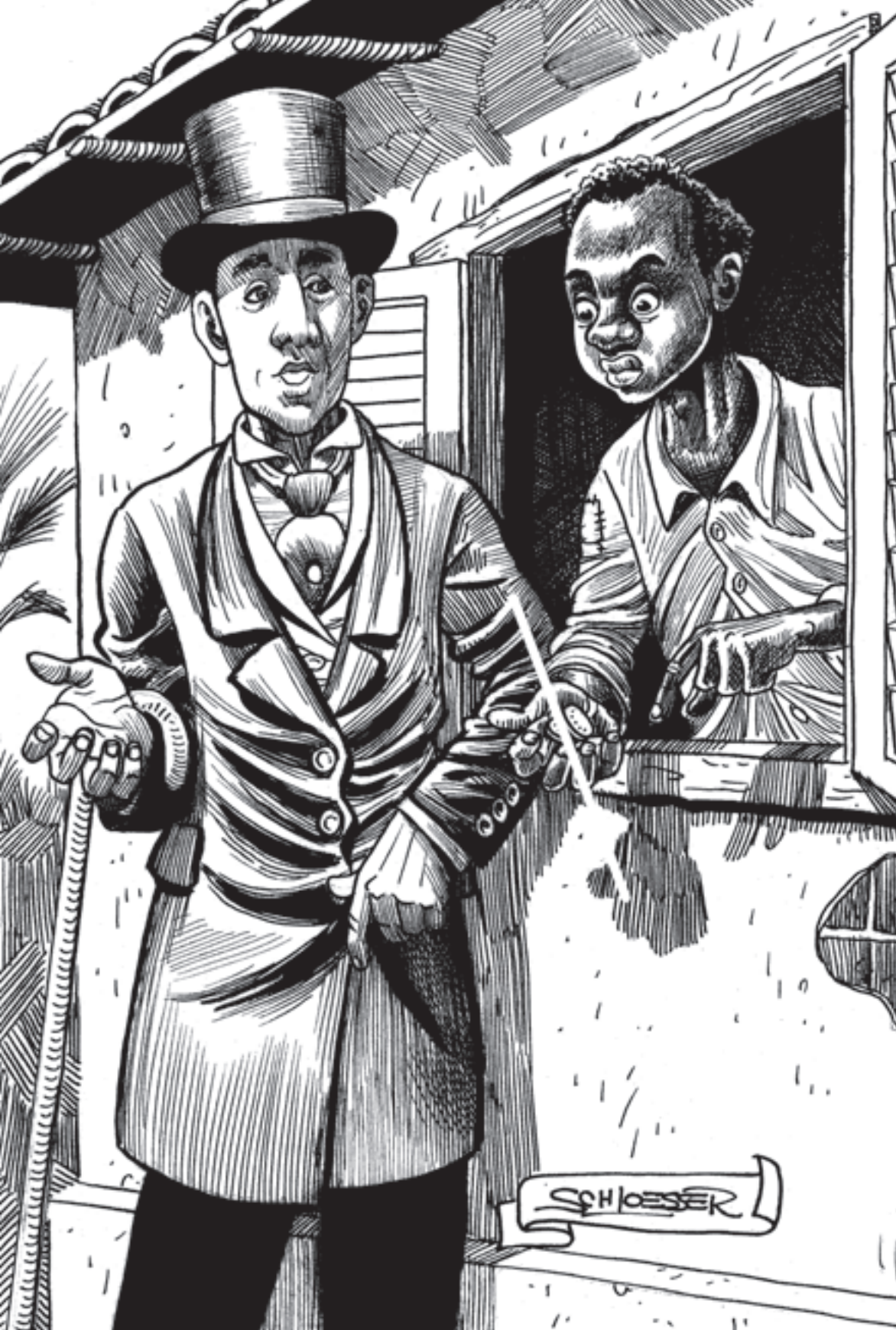
JOSÉ – Faça o favor de me dar fogo. (Acende seu charuto no de Alberto) Pode ir descansado que a cabra é onça⁶.

ALBERTO – Vê lá o que vais fazer, hein? Até logo... (Desaparece.)

⁴ Moeda brasileira da época.

⁵ Outro tipo de moeda brasileira da época.

⁶ “Sou esperto.”



SCHLOESSER

Cena II

José

(Desce para a cena e canta, finalizando o trêmulo⁷ que a orquestra conservou desde a introdução.)

*Coplas*⁸

I

Sou vivo como um azougue⁹,
para dinheiro arranjar;
hoje não pude, no açougue,
o açougueiro enganar.
Apesar de ser moleque,
sou vivo como um senhor doutor;
pra num bolso dar um cheque.
Como eu não há ninguém por cá.
Olá! Como eu, ninguém há!
Olé! Como eu, ninguém é!
Oli! Como eu, ninguém vi!
Olô! Ninguém como eu sou!
Olu! Ninguém é como tu!

⁷ Repetição de uma ou mais notas musicais para dar um efeito de algo trêmulo.

⁸ Estrofes de canções populares espanholas, geralmente cantadas com acompanhamento de música improvisada. Provavelmente, esta cena da peça foi realizada no ritmo e formato de uma *copla*.

⁹ Pessoa agitada.

II

Que me importa que se diga
Que estes meus medos são maus;
que sou doido de uma figa
e ando feito um dois de paus¹⁰?
Se vejo nas carteiras
moedas a tinir,
cair!
Dou-me bem com estas maneiras,
pois é isso que dá (esfrega os dedos)
pra cá! (aponta para o bolso).
Olá! etc.

¹⁰ Pessoa insignificante.

Cena III

José e Emília

EMÍLIA (vendo José fumando) – Muito bonito! Parece um dono de casa!

JOSÉ (apaga o charuto com saliva e guarda-o atrás da orelha.) – A benção, iaiazinha¹¹?

EMÍLIA – Olá (senta-se). Já viste o Alberto passar, José?

JOSÉ – Já, sim, iaiazinha.

EMÍLIA – Ora! Por que não me chamaste?

JOSÉ – Porque tenho coisa melhor, iaiazinha! Não se aborreça! (Mostra-lhe a carta e cantarola.) Trá lá rá lá lá...

EMÍLIA (levanta-se com curiosidade) – Deixa ver! Deixa ver!

JOSÉ (imitando-a) – Deixa ver! Deixa ver! (Foge do alcance das mãos da moça, negando-lhe a carta; depois sobe em uma cadeira e entrega a carta, depois de levantá-la à maior altura que as mãos de Emília podiam alcançar.)

EMÍLIA – Deixa de liberdade, moleque! (Toma a carta.)

JOSÉ – Eu é que devo levar a resposta, iaiazinha!

EMÍLIA (abre e lê a carta) – “Milu. Peço que tu me deixes entrar hoje na sala. O José ficará na porta e nos avisará quando avistar teu pai. Na janela, podemos dar o que falar à vizinhança. Teu. Alberto.” (Guarda a carta.) Ora! Seu Alberto não se enxerga!

JOSÉ – O que diz, iaiazinha?

¹¹ Tratamento dado às meninas e às moças, muito usado na época da escravidão. Diminutivo de iaia.

EMÍLIA – Digo o que deve dizer uma menina de juízo: não deixo que ele atravessasse aquela porta sem permissão de papai e mamãe. Quando for meu noivo, sim...

JOSÉ – Se a iaiazinha soubesse o empenho que seu doutor faz! Olhe, não diga nada a ele... mas... ele me pediu que dissesse a iaiazinha que me entregou a carta com lágrimas nos olhos... (Pausa.) Mas já que a iaiazinha não quer... (Vai saindo pelo fundo.)

EMÍLIA – José?

JOSÉ (voltando ligeiro) – Mando entrar o moço?

EMÍLIA (depois de pensar) – Está bem, manda. (José vai saindo.) Mas espera: é preciso que digas a ele que só concordei depois de muita insistência tua. Será bom que não pense que sou fácil. Manda-o entrar. Onde ele está?

JOSÉ – Olhe. (Aponta para a rua, pela janela.) Não vê aquele sujeito encostado ao chafariz? Fumando?

EMÍLIA – Sim. Isso tem de ser já, enquanto papai não volta e mamãe está ocupada com o doce de araçá¹² (vai saindo).

JOSÉ – Então iaiazinha não fica para recebê-lo?

EMÍLIA – Eu devo vir lá de dentro como quem não sabe de nada. Já te disse: quero que ele se convença que eu não aprovo...

JOSÉ – Se sinhô velho descobre...

EMÍLIA – Anda! Não fique aí tagarelando! Apressa-te! (Sai.)

¹² Fruta comum em algumas matas brasileiras.



Cena IV

José, depois Alberto

JOSÉ – O que eu quero é não ficar mal no negócio. Tenho medo destas coisas que me **pelo**. (Vai à janela e assobia: lhe responde da rua outro assobio.) Moleque está afiado no namoro!

*Duetino*¹³

JOSÉ (na janela) – Entre depressa, meu ioiozinho! (Correndo ao corredor.) Não faça barulho! Devagarinho! (Alberto entra.) Faça de conta que a casa é sua, pois sinhô velho está na rua.

ALBERTO – E sinhá velha?

JOSÉ – Lá na cozinha, fazendo doce com iaiazinha.

ALBERTO (à boca da cena¹⁴) – Eu sou Alberto Ribeiro, estudante mais fanfarrão!

JOSÉ – Na bolsa pouco dinheiro
muito amor no coração.

JUNTOS – {me lembro}

Quando que a namorada

{se lembra}

nesta casinha vive isolada

deixo

pro lado a Anatomia

{deixa}

e sem saudades da Cirurgia

deito

¹³ Diálogo cantado por dois personagens.

¹⁴ Parte anterior do palco, junto à plateia.

Uma Véspera de Reis

a correr pro seu lado!

{deita}

Sou

ligeiro namorado!

{É}

Olaré! Olaré!

Vida boa, isto é que é!

JOSÉ – Não demore muito, isto sim; hoje, véspera de Reis¹⁵,
sinhô velho deve entrar cedo...

ALBERTO – E Milu? Onde ela está...?

JOSÉ – Iaiazinha não demora. Está contente como ninguém!
Mas não diga nada a ela, porque ela me disse que lhe dissesse
que ela não aprova a entrada do senhor aqui e que só com muita
insistência minha...

ALBERTO – Bem. Toma lá dois mil réis... (dá-lhe dinheiro).

JOSÉ – Aqui só estão dez tostões...

ALBERTO – Anda... Mexe-te... Logo terá os outros dez.

JOSÉ – Olhe; aí vem iaiazinha. (Sai pelo fundo.)

¹⁵ Dia de Reis: comemoração popular da festa dos Reis Magos.



SCHLOSSER

Cena V

Alberto e Emília

EMÍLIA (fingindo surpresa) – Ui!

ALBERTO – Não se assuste... não se assuste... Sou eu...

EMÍLIA – Quem foi que o autorizou...?

ALBERTO (interrompendo-a) – Quando se ama, meu bem, não se quer saber de autorizações; o coração tudo autoriza, e, às leis que ele dita, não há desobediência possível.

EMÍLIA – Você tem lábia, tem...

ALBERTO – E lábios... para dizer que te amo, que te adoro, que és o sol de minha vida, a estrela da minha existência! (Ajoelha-se.)

EMÍLIA – Ó, meu Deus! Eu não sou santa, seu Alberto. Se levante. (Alberto se ergue.) Mas esses estudantes são mesmo muito atrevidos. Ora, se papai...

ALBERTO – Descansa; José está na porta da rua para nos avisar...

EMÍLIA – Vou contar a mamãe o desaforo de José. Você acha muito bonito andar de conversa com o moleque, não?

ALBERTO – O que eu acho é que foi com a tua permissão que...

EMÍLIA (depois de fechar a porta da esquerda) – Vamos ao que importa: o que quer?

ALBERTO – O que quero? Quero te ver; falar contigo; pintar ao vivo este amor para ti; ouvir de ti mais uma vez que me amas.

EMÍLIA – Exatamente por você saber que o amo; por **esperá-lo** na janela para vê-lo passar e lhe apertar a mão ou lhe oferecer uma flor, é que você abusa! Ingrato! Fazer concordar que entre aqui, sem papai e mamãe sabem!

ALBERTO – És injusta, Milu, és muito injusta. (Emília faz cara feia.) Está bem! Já não digo nada! Adeus! Não quero **comprometê-la**... (Dirige-se para a porta do fundo.) Não quero abusar...

EMÍLIA – Alberto?

ALBERTO (quase saindo) – Adeus.

EMÍLIA (bate o pé) – Alberto!

ALBERTO (volta à cena) – Milu?

EMÍLIA (toma suas mãos) – Você não é homem; você é o diabo!

ALBERTO – Queres dizer que sou mulher?

EMÍLIA – Por que não me pede a papai?

ALBERTO – Já te disse que isso tem seus problemas: teu pai, tu me disseste, quer te casar com o filho de um compadre dele...

EMÍLIA – Meu pai não é homem que obrigue a filha a se casar à força!

ALBERTO – Ainda há outra coisa: eu tenho um tio...

EMÍLIA – Ah! Você tem um tio? Ainda não havia me dito...

ALBERTO – Pois de onde vem minha mesada? De meu tio... É preciso que me entenda com ele... Se ele faz o papel de pai, não é muito natural que eu, que faço papel de filho, me case sem ao menos avisá-lo.

EMÍLIA – E se ele colocar alguma objeção...?

ALBERTO – Não põe, não. Meu tio é muito meu amigo. É capaz de subir ao céu para ir buscar a lua, se eu lhe pedir. O pior que pode haver é alguma demorazinha... Já estou no quinto ano... Logo que me formar...

EMÍLIA – Logo que se formar, adeus... Ora, eu bem conheço esses estudantes! Mentem por qualquer coisa!

ALBERTO – Então já gostaste de algum, antes de mim?

EMÍLIA – Ó, meu Deus! Quem foi que disse? (À parte:) Só de três... (Alto:) As minhas amigas é que me contam...

ALBERTO – Conversa! Se elas merecessem, como tu me mereces, não havia motivo de queixa... (Toma suas mãos.) Sossega: prometo que serei teu marido, a menos que te esqueças de mim.

EMÍLIA – E posso contar com a mesma firmeza de sua parte?



SCHLOSSER

ALBERTO – Ainda me perguntas?

EMÍLIA – Jure...

ALBERTO (estende a mão solenemente) – Juro... (outro tom:) pelo que queres que eu jure?

EMÍLIA – Por tudo que há de mais sagrado...

ALBERTO (estende a mão solenemente) – Por tudo que há de mais sagrado... Estás satisfeita?

EMÍLIA – Estou, sim; é impossível que você quebre um juramento tão bonito!

ALBERTO – Se eu já estivesse formado, jurava pelo meu diploma!

Cena VI

Emília, Alberto e José

JOSÉ (entra correndo) – Iaiazinha! Seu doutor! Fugam! Fugam...! (Toda a cena é rápida e de movimento.)

ALBERTO E EMÍLIA – O que é? O que é?

JOSÉ – Quando dei por mim, sinhô velho já vinha por trás da igreja...! Fugam! Fugam...!

ALBERTO – Logo que ele entrar no corredor, eu pulo pela janela. (Coloca-se atrás da janela.)

EMÍLIA (vai na janela e volta) – É impossível!

JOSÉ – Depressa!

ALBERTO (para Emília) – Por quê...?

JOSÉ – Depressa!

ALBERTO (para Emília) – Mas por quê? Por quê?

EMÍLIA – Seu Antônio está na porta.

ALBERTO – Quem é seu Antônio nessa vida?

EMÍLIA – É o espertalhão da venda...

JOSÉ – Xi! Uma língua danada! Quando não tem de quem falar, fala de si... Depressa! Sinhô velho já deve estar na porta... (Vai à porta e volta aflito com as mãos na cabeça.)

EMÍLIA – Estou perdida!

ALBERTO – Ah! Esta mesa... (Esconde-se debaixo da mesa.)

REIS (fora) – Vamos entrando...

EMÍLIA – E vem acompanhado... Meu Deus! O que acontecerá hoje aqui...?



SCHLESSE

Uma Véspera de Reis

JOSÉ – Salve-se quem puder! (Vai saindo, e Reis, que entra com Bermudes, agarra-o pelo braço.)

REIS (a José, no fundo) – Ó, José, assim que tu vires o Manuel, aquele negro que foi capitão do canto da Soledade¹⁶... tu o conheces... com outro, carregando os baús do compadre, leva-os lá para o sótão... O frete já está pago... Vai... (José sai; durante a cena que se segue, **veem**-se passar pelos fundos dois negros, carregando os baús; depois voltam a passar em sentido contrário, com as mãos vazias; Alberto de vez em quando espia por baixo do pano que cobre a mesa e mostra que está impaciente e mal acomodado.)

¹⁶ Chefe de grupo de carregadores formado por escravos libertos.

Cena VII

Emília, Alberto, Reis e Bermudes

BERMUDES (sem reparar em Emília) – Você está num casarão, compadre. Quanto paga por isso?

REIS (também sem reparar em Emília) – Trinta mil réis.

BERMUDES – Tem cisterna? (Senta-se junto à mesa.)

REIS – Não, mas aqui a vizinha da esquerda tem, e é quanto basta. (Outro tom:) Compadre, você vai para o sótão... para o quarto do Antonico, seu afilhado... É bem ventilado lá... O senhor vai gostar...

BERMUDES – E onde está ele?

REIS – O sótão? É lá em cima... É só subir...

BERMUDES – Não; o Antonico.

REIS – Pois não mandei lhe dizer que foi para a Corte¹⁷? Lá está na escola... escola... Ora diabo! Sempre esqueço o nome da tal escola... (Olha para Emília.) Ó, Milu! Estavas aí? Antes de tomar a benção, me diz: como é o nome da escola em que teu irmão está, lá no Rio de Janeiro?

EMÍLIA – Politécnica.

REIS – É isso... É isso... Poli...

BERMUDES – ...técnica. O nome é danado.

REIS (dá a benção a Emília, além de um abraço e um beijo na testa) – Deus te faça santa! (A Bermudes:) Aqui está minha filha, compadre; você não a conhece; quando veio da última vez

¹⁷ Rio de Janeiro, onde se situava a Corte portuguesa no Brasil à época.



SCHLOSSER

à cidade, ela era um anjo. Milu, tome a benção ao compadre de papai...

BERMUDES – Que benção o quê! Dê aqui um abraço ao velho amigo de papai e mamãe. (Levanta-se.) A iaiá não faz **ideia** de como éramos camaradas quando papai morava em Camamu. (Abraça-a.) Éramos unha e carne... já vão uns bons vinte anos.

EMÍLIA – Papai me fala muitas vezes do senhor.

BERMUDES – E por que não falaria? Éramos muito amigos! Camaradas em tudo: chapas combinadas para as eleições, gostos iguais, etc., etc.! Que bons tempos! O que diz, compadre?

REIS – Mas você não me disse ainda nada da menina.

BERMUDES – Pois que posso lhe dizer? (Faz uma graça.) É muito feia... muito desajeitada... (Abraça-a de novo.) Eh, eh! Mentira, iaiá! É um anjinho de Nossa Senhora. (A Reis:) Está satisfeito?

EMÍLIA (enquanto Bermudes a abraça, a Reis) – Isso é brincadeira de seu compadre, não é, papai?

REIS – O que eu sei é que és uma menina de muito juízo...

EMÍLIA (à parte, olhando com malícia para o esconderijo de Alberto) – Se ele soubesse...

BERMUDES – Mas onde está escondida essa comadre...?

REIS – Vais chamar mamãe, Milu, diz a ela quem está aqui...

EMÍLIA – Já vou, papai. (Vai saindo.)

REIS – Olha: leva isso lá fora. (Entrega a ela chapéus e guarda-sóis seus e de Bermudes; Emília sai, olhando para o esconderijo de Alberto.)

BERMUDES (vendo-a sair) – Ora, quem diria? Está uma moça, hein? Isto é que me faz velho... (Senta-se.)



SCHLOESSER

Cena VIII

Reis e Bermudes

BERMUDES – Realmente parece perfeita para o rapaz! Que bonito casal! Estou certo que, quando se verem, os dois vão ficar de queixo caído...

REIS (senta-se ao lado de Bermudes) – Eu também estou certo disso. (Um pouco embaraçado.) Mas olhe, compadre, eu falei disso com a menina...

BERMUDES – Ah! Falou?

REIS – Falei, sim, compadre, falei...

BERMUDES – Então, aperte aqui... (apresenta a mão a Reis que a aperta.) A pequena, já se sabe, pulou de contente; não pulou, não?

REIS – Pelo contrário, compadre; torceu o focinho...

BERMUDES – Torceu?

REIS – Torceu, compadre, torceu...

BERMUDES – Aqui é que a porca torce o rabo¹⁸... Mas ora adeus! Eu não quero que os pequenos casem sem se conhecerem. Eles que namorem primeiro um ano, dois... e depois amarrem-se! Conversem, se avaliem! Se gostar um do outro, muito bem; se não, já aqui não está quem falou. Isso não vai matá-la, nem vale a pena contrariá-los!

REIS – É que Milu... se não me engano...

BERMUDES – Se não se engana...

¹⁸ “Aqui é que está a dificuldade.”

Uma Véspera de Reis

REIS (com mistério) – Tem aí o seu namorico...

BERMUDES – Então está tudo acabado! (Levantam-se.) Dê-se o dito pelo não dito e deixe-se correr o barco¹⁹! O que você não deve, compadre, é obrigá-la: olha que desses constrangimentos nasce muita coisa feia...

REIS – Aí vem sua comadre.

¹⁹ “Que se desfaça a combinação.”

Cena IX

Alberto, Reis, Bermudes, Francisca e José

(Francisca entra da esquerda com as mãos lambuzadas de doce, as mangas arregaçadas e José, do fundo.)

FRANCISCA (descontraída) – Ora, viva o seu compadre!

BERMUDES – Ora, viva a sinhá comadre! (Quer apertar sua mão.)

FRANCISCA (foge com as mãos) – Estou com as mãos sujas! Estava dando ponto²⁰ a um doce de araçá, de que o compadre vai gostar e lamber os beiços. Mas venha de lá esse abraço...! Cuidado! Não se suje...

BERMUDES (antes de abraçar Francisca, a Reis) – Com sua licença, compadre...

JOSÉ (enquanto Bermudes e Francisca se abraçam e depois conversam baixinho, aproxima-se de Reis) – Sinhô velho?

REIS – O que é que queres de mim, moleque?

JOSÉ – Sinhô dá licença para eu hoje vir tarde para casa?

REIS – O que é que tens de fazer na rua, vagabundo...?

JOSÉ – Hoje é véspera de Reis... e eu sou do rancho²¹...

REIS – Eu sei o que tu és! Vá lá... vá lá...

JOSÉ – Sinhô velho me autoriza?

²⁰ Dar consistência.

²¹ Conjunto de pessoas que representam pastores e pastoras nas festas de Reis.



SCHLOSSER

REIS – Não é preciso; é véspera de Reis: podes andar sem autorização. (Dá-lhe dinheiro.) Não vá beber cachaça, hein? (A Bermudes, mostrando José.) Ó compadre, conhece esta peça?

BERMUDES – É um bonito moleque!

JOSÉ – Muito obrigado.

REIS (a José) – Cala a boca, moleque!

FRANCISCA – Já não se lembra dele, compadre?

REIS – O José... cria de nossa casa...?

JOSÉ – José Filomeno dos Reis, um criado do senhor...

FRANCISCA (a José) – Cala a boca, exibido!

BERMUDES (lembrando-se) – Ah!, agora me lembro! Mas como está crescido este moleque!

FRANCISCA – É muito vagabundo, compadre! Quando era pequenino...

BERMUDES – A comadre gostava muito dele...

REIS – Chegava mesmo a fazer sua cama; agora, não vale o que come! (Bermudes e Francisca continuam a conversar baixinho.)

JOSÉ (a Reis) – Posso ir, sinhô velho?

REIS – Vai. (José vai saindo.) Ó, que **ideia!** (Chama.) José!

JOSÉ (voltando) – Sinhô?

REIS (a Bermudes) – Vou festejar a sua chegada, compadre! (A José.) Uma vez que tu és do rancho, quero que faças com que ele venha dançar aqui esta noite, ouviste?

JOSÉ – Sim, sinhô: eu me faço de burrinha²²...

FRANCISCA – Você bota este moleque a perder, seu Reis! (A Bermudes.) Esse moleque leva todo dia santo na vadiação.

REIS (sem dar ouvidos a Francisca; a José) – Está bom! Se vierem, dou uma gorjeta; se não vierem, levas uma dúzia de bolos!

JOSÉ – Antes quero a gorjeta, sinhô! (Sai correndo e cantarolando.)

BERMUDES (a Reis) – Então, para festejar a minha chegada, manda você dançar os reis hoje aqui... (A Francisca:) O compadre é o mesmo: não mudou nada...

FRANCISCA – Deixa-o falar: aquilo é porque ele se chama seu Reis.

BERMUDES – Ah! ah! ah! A comadre foi engraçada! (A Reis:) Também não mudou nada mesmo...

²² Personagem da festa de Reis.

Uma Véspera de Reis

REIS (a Bermudes) – Mas você ainda não disse a Dona Francisca...

FRANCISCA (interrompe-o) – Lá vem seu Reis com Dona Francisca! O cabeçudo que fica ao pé da gente não é capaz de me tratar por Dona Chiquinha...

BERMUDES – É costume antigo! Andavam sempre brigando por causa disso em Camamu!

FRANCISCA – Aqui tem sido a mesma coisa! Veja lá, compadre! Com tantos anos de casados! E eu que tenho antipatia pelo nome de Francisca!

REIS (entediado) – Pois vá lá, Dona Chiquinha... (Estala a língua.)

FRANCISCA – Mas vamos saber... (A Reis:) O que você ia dizendo?

REIS – É que o compadre ainda não lhe disse o motivo que o trouxe à cidade... Mas você interrompe a gente...

BERMUDES – Venho à cidade por causa daquela questãozinha de terras... A comadre se lembra?

FRANCISCA – Não me lembro de outra coisa! “Questãozinha”, diz o compadre? Questãozona, digo eu!, que muitos cabelos brancos lhe fez criar!

BERMUDES – Ora! As terras eram minhas! A legitimação estava feita... (Sinal de concordância de Reis e de Francisca. Pausa.) Mas eu dormi no negócio...

REIS – Foi todo o seu mal, compadre!

BERMUDES – Mas agora o coronel Casimiro...

FRANCISCA – Grandessíssimo cachorro! Não vou me esquecer do dia em que ele veio me convidar para substituir a professora pública, que vinha doente para a cidade!

REIS – Ora! Aquilo é um abusado muito desavergonhado!

FRANCISCA – Quando o bruto sabia perfeitamente que eu não sei ler!

BERMUDES – Não se admire, comadre, não se admire, porque aí por esse interior velho muita gente ensina aquilo que não sabe...!

REIS – Mas vamos à questão...

BERMUDES – O coronel Casimiro apresenta documentos de que as terras são dele! “Oh!”, digo eu cá comigo, “este agora é um trabalho bem feito!”. Entreguei a minha causa na mão do Secundino Barbosa...



Uma Véspera de Reis

FRANCISCA – Quem? Aquele “adevogadozinho” que brigou a soco com seu Reis nas eleições de 54?

REIS – E por sinal partiu dois dentes meus (mostra a falta dos dentes e fala com a boca aberta), que nunca mais voltaram a nascer!

BERMUDES – Esse mesmo! (Em tom lamentoso.) Ah!, compadre! (Toma a mão de Reis.) Ah!, comadre! (Toma a de Francisca, esquecendo-se que está suja.) Aquele homem foi a morte de minha causa!

FRANCISCA E REIS – Sim? Verdade?

BERMUDES (abandona suas mãos com desânimo) – E talvez seja a causa de minha morte! (Limpa a mão que pegou na de Francisca.)

REIS – Ora, não pense nisso!

FRANCISCA – Tire isso do coração, compadre...

BERMUDES – Tem razão, compadre; tem razão, comadre; ambos os dois têm razão. (Alegra-se aos poucos.) Principalmente hoje, véspera de Reis e dia de alegria, porque vi vocês, a menina e amanhã verei também meu sobrinho. O tratante anda sempre se mudando e agora está em férias: não posso **procurá-lo** na Universidade. Olhem que aquele rapaz é o meu pecado! Mas, graças aos orixás, está quase senhor doutor e pronto para mandar gente para o outro mundo... Pouco liga para a mixaria que tenho gasto com ele!

FRANCISCA – E o que me diz a respeito de uns certos interesses trocados entre seu Reis e o compadre?

BERMUDES – Já não se fala nisso! A moça gosta de outro, e amor não é mercadoria.

FRANCISCA – Eu já não penso assim! Bem podíamos mostrar a Milu o verdadeiro caminho da felicidade...

REIS – Besteira!

BERMUDES (falando como um juiz) – Comadre, o verdadeiro caminho da felicidade é aquele em que a gente anda por seu gosto e não aquele para onde nos empurram.

REIS – Apoiado! Casem-se à vontade as moças e depois se resolvam!

FRANCISCA – O Compadre já sabe que o seu afilhado...

BERMUDES – Já. Já sei que está na escola... na escola... (a Reis:) Como é o nome da escola, compadre?

REIS – Escola... escola... Como é, Dona Francisca?

FRANCISCA (zangada) – Dona Francisca, hein...?

REIS (emenda) – Como é, Dona Chiquinha?

FRANCISCA – Ora! Eu tenho o nome debaixo da língua...

BERMUDES – Eu também...

REIS – Eu também... (Chama.) Milu; ó, Milu! (Emília responde de dentro com um grito.)

REIS E FRANCISCA – Vem cá...

Os três – Escola... escola... Ora!

Coro

Ó, que diabo de nome!

Ó, que nome do diabo!

A paciência consome
e na calma faz estrago!

Cena X

Os mesmos e Emília

EMÍLIA – O que querem?

OS TRÊS – Como é o nome da escola em que está o Antonico?

EMÍLIA – Como? Não entendi!

OS TRÊS – Como é o nome... (Calam-se e se entreolham.)

EMÍLIA – Fale só um. (Voltam a falar todos ao mesmo tempo.)

BERMUDES – Fale você compadre.

REIS – Fale você, Dona Fran... Chiquinha.

FRANCISCA – Fale você, compadre.

BERMUDES – Como é o nome da escola em que está o Antonico?

EMÍLIA – Escola po-li-téc-ni-ca

OS TRÊS – Ahn...

Repetição do Coro

Ó, que diabo de nome!

Ó, que nome do diabo!

A paciência consome
e na calma faz estrago!

EMÍLIA – Com licença. A panela ainda está no fogo. (Sai, olhando discretamente para o esconderijo de Alberto.)

BERMUDES (vendo-a sair) – Que boa dona de casa está se formando ali, hein, comadre?

FRANCISCA – Veremos, compadre, veremos...

REIS – Temos trabalhado para fazer dela não só uma boa dona de casa, como diz você; mas também uma senhora que saiba entrar numa sala...

FRANCISCA – Lá isso é verdade!

BERMUDES – Que suas mãos nunca doam, compadre!

REIS – Já aprendeu francês, inglês, um bocadinho de italiano...

BERMUDES – Verdade?

FRANCISCA – Sim, senhor; e está agora se aperfeiçoando no português...

REIS – Olhe! (Aponta para o piano.)

BERMUDES – Piano, hein?!

REIS – É como vê!

BERMUDES – Muito bem! (Outro tom. A Francisca:) Ora, comadre! Vim encontrar esta heroica cidade de São Salvador muito mudada!

FRANCISCA – É verdade! Ainda não me falou a esse respeito! O que me diz do parafuso²³? Seu Reis já me fez subir naquela geringonça! Mas não sou mais menina... O compadre subiu pelo parafuso...?

BERMUDES – Subi, comadre, subi; mas também não sou mais menino... Eu estava só vendo aquela coisa se desgrudar, e zás! Era uma vez um Bermudes! (Se benze.) Nada!

FRANCISCA – E o chupão que se recebe? (Imita.) Fuuu... Agora, os bondes, sim...

BERMUDES – Sim, senhora! Para aí vou eu! Falem-me dos bondes! Mas que mudanças, compadre, que invenções, comadre!

Tango

BERMUDES – Tanta mudança me faz confuso!

Pois se o progresso anda tão fino,

que temos bondes e parafuso,

temos o cabo submarino²⁴!

— E até é uso

²³ Como era conhecido o Elevador Lacerda, famoso monumento de Salvador.

²⁴ Cabo elétrico ou óptico estendido no fundo do oceano para permitir comunicações entre dois continentes.

Uma Véspera de Reis

lindas modinhas²⁵ tocar o sino²⁶!
Se o que se passa aqui na Bahia,
Diz-se que se quer mandar à França!
vem a resposta no mesmo dia,
e na viagem ninguém se cansa!
Virgem Maria!
Me faz confuso tanta mudança.
OS TRÊS – Virgem Maria!, etc.
Bermudes – Não há mais o que se invente!
Que invenções encontrar eu vim!
Por três tostões vai a gente
até o fim do Bonfim!
A libra²⁷ chama-se quilo,
segundo os novos padrões!
O que nos falta é aquilo
com que se compram melões...
OS TRÊS – O que nos falta, etc.

REIS – DONA FRANCISCA, VÁ...

FRANCISCA – Chame-me Dona Chiquinha, seu Reis! Jesus!
Que homem teimoso!

REIS (aceitando) – Dona Chiquinha, vá aprontar o sótão...
Já sabe que compadre vem morar conosco?

FRANCISCA – Nem a gente concordaria que morasse em
outra parte!

REIS – As bagagens já estão lá.

FRANCISCA – Então, com licença, seu compadre. Quando
quiser, nada de cerimônias, que a casa é sua. (Vai saindo e vol-
ta.) Ah!, deixe-me acender estas velas. (A cena tem escurecido
gradualmente. Francisca acende duas velas dos castiçais.)

REIS (enquanto Francisca prepara a luz) – Você não quer
mudar de roupa, compadre?

BERMUDES – Daqui a bocadinho... Se você tem um ca-
chimbo, traga-me... Eu ainda fico por aqui. Está agradável este
ventinho.

REIS – É pra já. (Sai com Francisca.)

²⁵ Canções tradicionais brasileiras populares à época.

²⁶ Instrumento musical.

²⁷ Antiga unidade de massa.

SCHLOSSER



Cena XI

Alberto e Bermudes

(Bermudes senta-se junto à mesa: pega um álbum, deita os óculos e começa a folheá-lo. Alberto sai do esconderijo.)

BERMUDES (examinando as fotografias) – Este é Sua majestade... É um imperador bem bonito! Está acabado... Pois olhem que é mais moço do que eu... (Folheia.) Aqui estão o compadre, a comadre, a Milu e o meu afilhado... Está muito bom este grupo... A comadre é que não está muito parecida, não. O Antonico está um homem! Deus queira que faça alguma coisa lá pela tal escola lipotécnica...

ALBERTO (aproxima-se pé ante pé de Bermudes, tapa seus olhos e disfarça a voz.) – Quem sou eu?

BERMUDES – Oh! Oh! Não aperte tanto! Sei lá quem é! Veja que o senhor está enganado: eu não sou o compadre; isto é: sou o compadre, sim, mas o compadre do compadre! Largue-me, senhor! E esta agora! Será algum maluco?

ALBERTO (com voz natural) – Então já adivinha?

BERMUDES – Que ouço...! Que vejo...! (Levanta-se admirado e contente.) Pois tu... mas tu... Oh!, tu...

Duetino

BERMUDES – Corre a meus braços!

ALBERTO (abraça-o) – Aqui me tem!

BERMUDES – Oh!, meu Deus, isto faz tanto bem!

(Abre de novo os braços.) Novos abraços!

ALBERTO – Aqui me tem!

BERMUDES – Como estou satisfeito!

ALBERTO – E eu também!

BERMUDES – Mais um abracinho!

(Mesmo jogo de cena.)

ALBERTO – Aqui estou eu!

BERMUDES – Oh!, meu Deus, que bem isto faz!

Oh!, meu sobrinho!

ALBERTO – OH!, TIO MEU!

BERMUDES – Quanto estou satisfeito!

ALBERTO – Eu estou mais!

BERMUDES – Mas por que diabos estais aqui?

ALBERTO – Vim o seguindo: o senhor vinha adiante; eu vinha atrás; até que afinal vi o senhor entrar aqui; o esperei, para ver se saía; mas como vi entrarem as bagagens, disse: “Bem, ao que parece, vai o homem se hospedar ali...”

BERMUDES – Bem mostras que tens cabeça; pareces teu pai, que, para ir a qualquer parte, bastava que lhe ensinassem o caminho. Eu ia para o hotel, para de lá te procurar e morar contigo... Onde moras tu agora?

ALBERTO – No beco do Tira-chapéu... numa república.

BERMUDES – República?!

ALBERTO – É uma espécie de Boêmia...

BERMUDES – Boêmia...?

ALBERTO – É uma espécie de república...

BERMUDES – Ahn. (À parte:) A explicação foi bem dada, mas eu fiquei na mesma...

ALBERTO – Mas, afinal de contas, por que não foi morar comigo?

BERMUDES – Encontrei o compadre, que me obrigou a vir para cá. Mesmo porque, na casa do compadre, estou melhor do que numa... como chama?

ALBERTO – República.

BERMUDES – Mas que diabo quer dizer uma república?

ALBERTO – É uma espécie de...

BERMUDES – ...Boêmia. Estou ciente. Já percebi, não havia pressa! (À parte:) Isto é com certeza nome de remédio...

Cena XII

Os mesmos e Reis

REIS (Traz um cachimbo aceso e um cálice de aguardente que oferece a Bermudes) – Aqui tem, compadre, o cachimbo e um golinho de aguardente para refrescar. (Cumprimenta Alberto.)

BERMUDES (fumando) – Meu sobrinho, de quem tantas vezes falamos.

REIS – Ah! Sim...? Como está, senhor doutor? Sinto que nunca tenha vindo nos ver...

BERMUDES – Quem teve a culpa foi esse seu criado. Não o apresentei ao senhor, porque disse lá comigo: quanto menos conhecimento tiver, mais depressa andará em seus estudos...

REIS (amável) – E como soube que estava aqui o senhor seu tio, doutor?

BERMUDES – Ele nos seguiu...

REIS – Oh! E por que não falou logo...?

ALBERTO – É que no começo duvidei que fosse meu tio; mas depois que vi entrarem as malas...

REIS – Então foi pelas malas que o conheceu?

BERMUDES – É que elas trazem o meu nome...

REIS – Ahn...

ALBERTO (à parte) – Feliz coincidência...

BERMUDES – Compadre, vamos para o tal sótão... Quero

SCHLOSSER



Uma Véspera de Reis

conversar com este rapaz sobre seus estudos, sua vida na cidade. (A Alberto:) Quero te dizer também o que me fez sair do meu sossego...

ALBERTO (à parte) – Novamente!

BERMUDES – E te mostrar uma ferida que tenho... mas não te mostro, não. Tu já tens tempo de sobra para saber...

ALBERTO (com importância) – Ora!

BERMUDES – Talvez seja alguma... Boêmia, hein...?

ALBERTO – Que bobagem, meu tio!

REIS – Vamos, compadre. Passemos pelo corredor! (Saem pelo fundo.)

Cena XIII

Emília depois Francisca

EMÍLIA (entra apressada e, depois de se certificar que está só, ergue o pano da mesa sob a qual estava escondido Alberto; tristemente) – Foi-se!

FRANCISCA (entra) – Quem?

EMÍLIA – Senhora?

FRANCISCA – Quem é que “foi-se”?

EMÍLIA (perturbada) – De onde?

FRANCISCA – Ó, Milu! Pois não levantaste o pano da mesa e não disseste “Foi-se”? Foi-se quem?

EMÍLIA – Ah!, era um camundongo...

FRANCISCA – Pois aqui em casa não havia ratos...

EMÍLIA – Não era rato; era camundongo...

FRANCISCA – Dá no mesmo: eles vão crescer com certeza... Vou mandar pôr pelos cantos das casas bananas espetadas com veneno.

EMÍLIA – Isso não é bom; a senhora já fez, e, em vez dos ratos, foi o gato que comeu as bananas e morreu.

FRANCISCA – Pobre Rocambole!

EMÍLIA – Para onde foi seu compadre, mamãe?

FRANCISCA – É provável que para o sótão, que é o quarto que está reservado para ele. E, por falar no compadre, menina: se te casasses com o sobrinho...

EMÍLIA – Seria muito infeliz.



FRANCISCA – Pelo contrário: serias muito feliz. O compadre é homem endinheirado, e o tal sobrinho vai ficar com aquilo tudo...

REIS (fora do sótão) – Dona Francisca... ó, Dona Francisca!

FRANCISCA – Lá está teu pai me chamando de Dona Francisca. Olhem que é forte teimosia! Pois não respondo não!

REIS (fora) – Dona Francisca...

FRANCISCA – Grita aí...

REIS (no mesmo) – Dona Francisca...

FRANCISCA (a Emília) – Vê se ajudas a Maximiniana a passar aquele doce de araçá para os potes.

REIS (no mesmo) – Dona Francisca...

FRANCISCA – Grita!

REIS (no mesmo) – Dona Chiquinha! Ó, Dona Chiquinha!

FRANCISCA – Ah!, isso é outro cantar... (Muito terna.) O que é, seu Reis, o que é? Aí vou eu... (Sai pelo corredor.)

Cena XIV

Emília

EMÍLIA – “Havias de ser muito feliz”, disse mamãe. Moço... rico... Ora, quem garante que o Alberto vai ser sempre o mesmo? Este é certo, e eu sempre ouvi dizer que não deixes o certo pelo duvidoso... Mas não! Não! Isso seria muito feio! Um moço que nunca vi, nunca conheci... (Cai numa cadeira.) E não tenho uma amiga, uma confidente... uma conselheira... que me ouça... que me atenda... que me aconselhe... (Olha para a rua.) Ah!, ali vem a nossa vizinha Dona Emília... uma viúva experiente nestas coisas de namoro... Foi Deus que me mandou! (Vai na janela e fala para fora:) Ó, vizinha, antes de entrar em casa, podia me dar uma palavrinha?

VIZINHA (fora) – Duas ou três, se quiser...

Cena XV

Emília na janela e uma Vizinha na rua

VIZINHA (modos simples; vestida com simplicidade) – Como está, meu bem...?

EMÍLIA – Mais ou menos. E a senhora...?

VIZINHA – Muito adoentada; mas agora vou melhorzinha. Vim agora da lapinha²⁸; fui levar uma velinha ao menino Jesus...

EMÍLIA – Para ficar boa...?

VIZINHA – Então? Ah, meu bem! A senhora não faz **ideia!** Desde que fiquei viúva, nunca mais tive um dia de saúde! Parece mentira! E ainda mais hoje acabei de engomar e pisei n'água fria!

EMÍLIA – Que loucura, senhora! Não faça mais uma coisa dessas...

VIZINHA – Não foi por querer. Meu sobrinho Vitor, aquele que é tipógrafo, não pode lavar as mãos sem deixar a pia toda molhada. Ai! Ai!, enquanto não me casar, não tenho sossego!

EMÍLIA – Ora, vizinha! O que tem seu sobrinho e a pia com o seu casamento?

VIZINHA – Não é só isso, meu bem: os ataques histéricos²⁹ não me largam...

EMÍLIA – Então a senhora acha que é muito bom o casamento...?

²⁸ Presépio que se arma para a festa de Reis.

²⁹ Sintoma de histeria, doença nervosa caracterizada por convulsões.

Uma Véspera de Reis

VIZINHA – Ó, Deus! O que pode haver melhor do que a gente ter seu maridinho? Meu bem, por que não se casa...?

EMÍLIA – Isso é bom de dizer... A senhora bem sabe que o Alberto...

VIZINHA – Quem...? O doutor Alberto...? Se a senhora vai atrás dele, está bem arranjada, meu bem... Aquilo é um castigo...

EMÍLIA – Como é que sabe disso...?

VIZINHA – Gosta de todo o mundo... mulherengo. Ainda outro dia... era um dia santo. (Como se lembrando.) Que dia santo era, Emília? (Recordando-se.) Creio que foi no dia de Natal... vinha ele no bonde piscando o olho... Adivinhe a quem, meu bem...?

EMÍLIA – A quem, vizinha?

VIZINHA – A uma irmã de caridade...

EMÍLIA – O que é que diz...?

VIZINHA – Ele passa aqui todos os dias por minha causa...

EMÍLIA – Por sua causa...?

VIZINHA – Por minha causa... E me lança sorrisos ternos e diz coisas amáveis...

EMÍLIA – O que está dizendo, minha senhora...?

VIZINHA – Menina, eu tenho muita prática de homens, sei o que são essas coisas...

EMÍLIA – Pois olhe, vizinha, há um moço rico com quem desejam me casar...

VIZINHA – Verdade...?

EMÍLIA – Verdade: é o sobrinho do padrinho do meu irmão...

VIZINHA – E o que vem a ser da senhora...?

EMÍLIA – Uma vez que papai é compadre do tio dele e ele é sobrinho do compadre do papai, é por essa razão de mamãe também... e, como sou filha do compadre e da comadre do tio dele, creio que vem a ser meu primo...

VIZINHA – Um primo, e ainda por cima rico, não é qualquer um não... Agarre-o com unhas e dentes, meu bem. Acredite que, nesse negócio de maridos, qualquer um serve, contanto que seja homem...

EMÍLIA – Mas sempre achei que o Alberto fosse de outro tipo...

VIZINHA – Não é capaz! Agora eu...? Eu talvez me case com ele...



SCHLOSSER

Uma Véspera de Reis

Emília (vivamente) – Como...?

VIZINHA – Tenho muito jeito para endireitar homens... A senhora verá como ele vai andar direitinho como um relógio! Adeus, meu bem: Nossa Senhora a faça feliz...

EMÍLIA – A senhora quer vir dançar os Reis aqui...?

VIZINHA – O moleque já me deu essa novidade... Quando eles vierem, eu passarei pela rua e virei aqui também... Até logo... (Some.)

EMÍLIA – Até logo, meu bem... (Sai da janela.)

Cena XVI

Francisca e Emília

FRANCISCA (entra muito contente) – Menina... iaiá... aposto que vais te casar com o sobrinho do compadre...

EMÍLIA (à parte) – Ouviu tudo... (Alto.) Sim, senhora: estou pensando em fazer isso...

FRANCISCA (à parte) – Já sabe quem é. (Alto.) E não me dizias nada, hein, minha espertinha? Hoje mesmo fica combinado o casamento. Agora, vai ajudar a Maximiniana que já é hora de acabar com aquele doce de araçá...

EMÍLIA – Não conheço o meu noivo: mas estou certa de que seremos ambos muito felizes... (Saindo, à parte:) O que não dirá o Alberto? (Sai.)

FRANCISCA (vai ao encontro delas) – Venham... venham...

Cena XVII

Alberto, Reis, Bermudes e Francisca

BERMUDES – Então? Onde está a Milu, comadre?

FRANCISCA – Está ocupada com o doce de araçá.

ALBERTO – A senhora disse a ela quem era eu?

FRANCISCA – Não; mas ela sabe...

ALBERTO – Como assim? É impossível...!

FRANCISCA – Pois quando vim do sótão e lhe disse: “aposto que vais te casar com o sobrinho do compadre”, ela me disse logo que estava resolvida a isso...

ALBERTO (admirado) – Oh! Então ela...?

REIS – Então? Que cara é essa, senhor doutor...?

BERMUDES – Não gostas de Milu?

ALBERTO – Muito; mas muito!

REIS – Pois se ela quer...

FRANCISCA – ...casar com o senhor...

ALBERTO – Justamente por querer casar comigo, é que... Não! Ela não quer casar comigo... Ela quer casar com o sobrinho do compadre!

REIS (à parte) – Enlouqueceu...

BERMUDES (à parte) – Está doido...

FRANCISCA (à parte) – Enlouqueceu...

REIS – Mas então quem é o sobrinho do compadre...?

BERMUDES – Quem é o meu sobrinho...?
ALBERTO – Eu sei o que ou... A Senhora Dona Francisca...
FRANCISCA – Um favor, senhor doutor: trate-me por Dona Chiquinha...
ALBERTO – ...sabe que sou... (aponta para o Reis.) O senhor... (aponta para o tio) Vocês... sabem; ela, porém, não sabe...
REIS (à parte) – Enlouqueceu...
BERMUDES (à parte) – Está doido...
FRANCISCA (à parte) – Enlouqueceu...
REIS – Endoidou...
BERMUDES – Está doido...
REIS – O melhor é chamarmos a Milu; ela vai nos esclarecer sobre isto e colocar tudo em pratos limpos...
BERMUDES – Apoiado!
FRANCISCA (chama) – Milu... Ó, Milu... (Milu responde de dentro com um grito.) REIS E FRANCISCA – Vem cá...

Trio

Bermudes – Se percebo... se percebo, sebo!
(A Reis e Francisca:) – Perceberam a trapalhada?
REIS E FRANCISCA – Nada!
BERMUDES – Não entendo!
FRANCISCA – Não compreendo!
REIS – Percebendo
quase estou...
BERMUDES – Pois dê graças
às cabaças³⁰:
o compadre adivinhou!
BERMUDES, REIS e FRANCISCA – Que embrulhada!
Que maçada!
É preciso adivinhar!
A charada
complicada
ninguém pode decifrar!

³⁰ Mesmo que *mabaças*, palavra que se refere ao orixá Ibêji.



SCHLOSSER

Cena XVII

Francisca, Alberto, Reis, Emília e Bermudes

EMÍLIA (de olhos baixos) – Senhora?

FRANCISCA – Vem cá, Milu: tu conheces aquele moço...?
(Toma seu braço e aponta para Alberto.)

EMÍLIA (sem levantar a vista) – Não, senhora...

REIS – Mas tu ainda não viste seu rosto! (Toma também seu outro braço.)

FRANCISCA – Sim: não levantaste os olhos...

BERMUDES (se benze) – Cada vez isso se complica mais!

REIS – E não queres te casar com ele...?

EMÍLIA (à parte e ainda de olhos baixos.) – Resolvi o contrário... Não posso me esquecer do Alberto...

FRANCISCA – Então, não respondes...?

EMÍLIA – Não, senhora.

REIS – Não respondes ou não queres casar?

EMÍLIA – Não quero...

FRANCISCA – Responder ou casar?

BERMUDES (se benze) – Jesus!

EMÍLIA – Casar...

TODOS (menos Alberto e Emília) – Ora, esta!

ALBERTO – Que satisfação!

TODOS (espantados) – Satisfação!

Uma Véspera de Reis

EMÍLIA (reconhece a voz de Alberto, levanta os olhos) – Ah!
(Corre para ele.) Quero! Quero...!

TODOS (espantados) – Quer?

EMÍLIA – Este é que o sobrinho do compadre?

TODOS – Este é que é o sobrinho do compadre.

EMÍLIA – Quero! Quero! Por que não haveria de querer?
(Conversa baixo com Alberto.)

REIS (a Bermudes) – Estão doidos, compadre!

BERMUDES (a Francisca) – Estão doidos, comadre?

BERMUDES, REIS e FRANCISCA – Que embrulhada!

Que maçada!

É preciso adivinhar!

A charada

complicada

ninguém pode decifrar!

(A orquestra une com essa música o canto popular dos
reis, tocado em surdina.)

REIS – Doidos ou não, casem-se!

FRANCISCA – Apoiado! E lá vêm os Reis.

SCHLOSSER



Cena XIX

Francisca, Alberto, Reis, Bermudes e a Vizinha

VIZINHA (entra da esquerda) – Aqui estou eu, vizinhas... Os Reis já estão perto, meu bem...

ALBERTO – Senhora viuvinha da parte d'além, que quer se casar e não acha com quem, ponha-se pra fora, senão... A senhora, quando andou me intrigando, não se lembrou daquela famosa cartinha que me escreveu, bastante para perder a sua reputação se a tivesse...

VIZINHA – Ó, que vergonha, meu bem...! (Vai saindo pelo fundo e esbarra com José, que entra com fantasia de burrinho.) Ui! (Desaparece.)

Cena XX

Francisca, Alberto, Reis,
Bermudes, Emília e José; logo
depois o Rancho dos Reis,
Povo, etc.

JOSÉ – Licença pro rancho, sinhô velho...

REIS – Entre o rancho... (Todos se sentam, formando grupos. A música rompe forte; o Rancho dos Reis entra e começa a executar suas danças e cantigas; povo se agrupa na janela e invade a casa.)

(Cai o pano.)

